

“The entire history of you”: cibercultura e memória

Dirce Vasconcellos Lopes*, Nathalia Maciel Corsi**, Denise Batista Sabino***, Guilherme Popolin****

Resumo

O artigo centraliza sua discussão nas influências da tecnologia sobre a memória humana. Com o avanço da cibercultura (LEMOS, 2002), a simbiose entre corpo e tecnologia torna-se parte da vida real. O vasto potencial dos aparatos tecnológicos cria novas formas de percepção e armazenamento da memória, o que resulta em alterações na dinâmica social contemporânea e na própria subjetividade de cada pessoa. Este trabalho utiliza teorias sob as perspectivas da comunicação e da antropologia, exemplificando os conceitos abordados a partir de uma análise do episódio “The entire history of you”, da série britânica Black Mirror.

Palavras-chave: comunicação, memória, cibercultura, corpo, tecnologia.

Abstract

The article centers its discussion on the influence of technology on human memory. With the advancement of cyberculture (LEMOS, 2002), the symbiosis between body and technology becomes part of real life. The vast potential of technological apparatus creates new forms of memory's perception and storage, which results in changes in contemporary social dynamics and in the very subjectivity of each person. This work uses theories from the perspectives of communication and anthropology, exemplifying the concepts approached from an analysis of the episode “The entire history of you” of the British series Black Mirror.

Keywords: communication, memory, cyberculture, body, technology.

* Doutora em Ciências da Comunicação, USP-SP. Docente do Programa de Mestrado em Comunicação, UEL, Londrina-PR.

** Mestranda em Comunicação, UEL, Londrina-PR.

*** Mestranda em Educação, UEL, Londrina - PR.

**** Mestrando em Comunicação, UEL, Londrina-PR.

Introdução

Em um contexto em que real e virtual se misturam, natural e artificial se confundem, orgânico e inorgânico se apresentam em simbiose, cada vez mais as tecnologias vão infiltrando-se nas atividades práticas do cotidiano, nos objetos e até mesmo no corpo humano. E cada vez menos a sua presença causa estranhamento ao homem. Comunidades se formam sem que haja presença corporal ou territorial, a vigilância penetra em espaços privados, serviços são automatizados e uma quantidade incalculável de conhecimento é armazenada em “nuvens”. Assim, a relação estreita do homem com a tecnologia revela-se capaz de provocar alterações na dinâmica social contemporânea, bem como efetuar mudanças na percepção humana do tempo, do espaço e do próprio corpo.

Halberstam e Libvingson (1995), Pepperell (1995), Sibilia (2002) e Domingues (2003) são alguns dos autores que enunciam uma transformação crucial da condição humana, colocando em voga a expressão “pós-humano” ou “pós-biológico” no que se refere ao “hibridismo do humano com algo maquínico-informático, que estende o humano para além de si” (SANTAELLA, 2007, p.4). O acelerado desenvolvimento da tecnociência - em especial da nanotecnologia, da realidade virtual, da comunicação global, da protética, da manipulação genética e da vida artificial - aponta para uma convergência geral dos organismos com as tecnologias, ao ponto de tornarem-se indistinguíveis.

Conforme Sibilia (2002), o “homem pós-biológico” é um reflexo do pensamento ocidental que vislumbra a possibilidade de superar as limitações do corpo a partir dos artefatos tecnocientíficos:

O corpo humano, em sua antiga configuração biológica, estaria se tornando obsoleto. Intimidados pelas pressões de um meio ambiente amalgamado com o artifício, os corpos contemporâneos não conseguem

fugir das tiranias (e das delícias) do *upgrade*. Um novo imperativo é internalizado, num jogo espiralado que mistura prazeres, saberes e poderes: o desejo de atingir compatibilidade total com o tecnocosmos digitalizado. Para efetivar tal sonho é necessário recorrer à atualização tecnológica permanente: impõem-se, assim, os rituais do auto-*upgrade* cotidiano. (SIBILIA, 2002, p.13)

Nessa perspectiva da obsolescência do corpo frente aos grandes avanços alcançados pela tecnologia, este artigo centraliza sua discussão no impacto tecnológico sobre a memória humana. A noção de memória como um atributo fundamental para a preservação de conhecimentos ou para a evocação do passado é abalada pelo vasto potencial dos artefatos digitais, que fazem ser possível acessar mais informações por meio de uma pesquisa na Internet do que a mente seria capaz de reter.

O episódio “The entire history of you” - “Toda a sua história”, em tradução livre para o português -, da série britânica Black Mirror (2011), pontua e exemplifica os conceitos da antropologia e da comunicação analisados neste trabalho. Além de abordar o tema da memória artificial, a produção audiovisual faz alusão à necessidade presente na sociedade atual de registrar cada momento vivido, por meio de fotos, vídeos e postagens nas redes sociais.

1. Da ficção para a realidade

Logo no início do episódio “Toda a sua história” é apresentada uma propaganda da tecnologia chamada ‘grão’, um *chip* implantado atrás da orelha que armazena e permite o fácil acesso às memórias de toda a vida. O *slogan* diz “A memória é para ser vivida”, enfatizando a importância do retorno às lembranças. A captura das memórias é feita a partir de lentes fixadas nos olhos, que registram todas as cenas vividas diariamente em formato de filme.

O episódio utiliza esse dispositivo para realçar as transformações nas relações sociais provenientes das novas possibilidades que surgem conforme o desenvolvimento de novas tecnologias. A percepção sobre a privacidade dos indivíduos, por exemplo, é alterada com a implantação do *chip*, que não só grava todas as imagens vistas pelo usuário, mas também permite a sua reprodução em aparelhos televisores ou nas lentes implantadas nos próprios olhos. As imagens da memória podem, então, ser compartilhadas.

Apesar de fictícia, a condição apresentada na série não é tão distante das inovações prometidas para a vida real. O Google recentemente patenteou um projeto de lentes eletrônicas a serem instaladas cirurgicamente nos olhos, que teria a funcionalidade de registrar informações e também resolveria problemas de visão.¹ Já a Samsung anunciou estar trabalhando em um modelo de lentes de contato de realidade virtual, com micro câmera e conexão *wi-fi* integrados.² A ideia é que as pessoas possam viver o mundo virtual indistintamente da realidade *offline*, tendo os olhos conectados a *smartphones* e computadores. Os registros de patente não significam que tais *gadgets* revolucionários serão produzidos de fato, mas, assim como a série, fomentam as inquietações acerca do destino biônico do corpo humano.

O enredo de “Toda a sua História” trata do advogado Liam Foxwell (Toby Kebbell), que enfrenta dilemas em sua carreira profissional e em sua vida pessoal. O personagem utiliza a tecnologia ‘grão’ para assistir a momentos gravados em sua memória, com o intuito de encontrar respostas para suas indagações e dúvidas. O efeito da tecnologia é levado ao extremo quando Liam passa a des-

1 Disponível em: <<http://super.abril.com.br/ideias/google-quer-injetar-chip-no-olho-humano/>> Acessado em: 03 fev. 2017.

2 Disponível em: <<http://super.abril.com.br/tecnologia/vem-ai-lentes-de-contato-de-realidade-virtual/>> Acesso: 03 fev. 2017.

confiar que sua esposa Ffion (Jodie Whittaker) o trai com Jonas (Tom Cullen), um amigo dela.

Sem outros elementos futurísticos, a não ser a mencionada tecnologia, o episódio faz com que o espectador identifique os ambientes retratados como pertencentes à sua época. Por outro lado, a angústia e o terror causados pela tecnologia dão o tom à série, enquanto Liam revisita memórias - as suas e as dos outros personagens - em alta definição e com zoom evidenciando detalhes, em sua incessante busca para descobrir se sua mulher o trai ou não.

Ferramentas tecnológicas, como a utilizada no episódio analisado para captar as memórias, demonstram o devir *cyborg* do ser humano (LEMOS, 2002). A cultura contemporânea leva os indivíduos a um processo de cyborgização, que é a simbiose do corpo biológico com a máquina. A dicotomia entre o artificial e o natural é tratada como parte da estrutura da humanidade e como característica indubitável da cibercultura. O ser *cyborg* só existe graças ao ciberespaço, em que as informações são geradas e armazenadas em tempo real. Portanto, “o *cyborg* é capital para a cibercultura. Ele simboliza todo o processo simbiótico da cultura contemporânea com o advento das tecnologias do virtual” (LEMOS, 2002, p. 180). A união entre o corpo biológico e a tecnologia gera consequências nas formas de reter e armazenar memórias. O aprender desprende-se do memorizar, ao passo que bancos de dados tornam-se disponíveis nos próprios indivíduos e não mais em fontes externas.

2. Ciberespaço, memória e esquecimento

Pode-se pensar na memória como uma lembrança do passado, o que ficou preso em nossos ‘arquivos internos’. Então, para

que haja a lembrança é necessário que algo seja deixado para trás, e depois retornar ao passado para resgatá-lo. Porém, as lembranças podem ser transformadas com a interferência da imaginação, sendo construídos novos sentidos. Conforme Ferreira (2011), a memória é essa reinterpretação constante do passado, vinculada ao universo de interações e significações de um sujeito em seu mundo.

As memórias podem ser referentes a um lugar, a alguma pessoa ou coletivo de pessoas, elas acessam o externo, mas fazem parte de quem as relembrou. A memória também está ligada a um espaço e a um tempo, que são construídos à medida em que as ações se sobrepõem, gravadas na memória e possuindo camadas. Esse espaço é um espaço metafísico, e é vivido enquanto se está nesse devaneio de lembranças; ele existe enquanto se está nele. Se o espaço existe enquanto momento, o tempo pode ser relativo, ele transita entre o que já aconteceu e as novas atribuições que são dadas na medida em que são lembradas; é um novo tempo.

No mundo contemporâneo, a compreensão temporal é a da sensação de aceleração. As tecnologias de comunicação tornam as distâncias menores, inclusive as culturais e as identitárias. Com o aceleração vem a falta de tempo e o excesso de informações, que tornam-se multifacetados em nossas percepções, identificações e senso de pertencimento. A sensação é de que “existe apenas o agora” (CANTON, 2011, p. 20), desse modo, o que é de ontem já não serve mais, se perde.

A produção de meios de memória foi a maneira encontrada pelo ser humano para substituir o medo do esquecimento. Novas lembranças ocupam o espaço das velhas lembranças no corpo biológico, transformando os meios de memória em memórias auxiliares. As memórias auxiliares estão relacionadas à uma memória coletiva

que ajuda o indivíduo a não se esquecer de algum fato social específico (NORA, 1993).

Se antes da cibercultura o ser humano valia-se das memórias auxiliares – advindas da mídia, do governo - para não esquecer alguns fatos, depois da cibercultura as necessidades de como armazenar as memórias começaram a mudar. Segundo Huyssen (2000), a digitalização das memórias e as formas como os arquivos são preservados no ambiente virtual levam a uma amnésia digital. Os indivíduos acreditam que os arquivos digitais são elementos compensatórios da perda da memória e precisam aplicar metarrepresentações às lembranças acumuladas no ciberespaço.

Segundo Lemos (2002), o ciberespaço é uma rede social complexa e um espaço não físico formado por redes de computadores por onde as informações circulam, ou seja, um ambiente simulado. O termo veio da ficção científica, com a obra “Neuromancer”, de 1984, do escritor William Gibson. Dodebei e Gouveia (2008) utilizam o dialogismo entre lembrar e esquecer, de Maurice Halbwachs e Henri Bergson, respectivamente, para compreender a memória no ciberespaço. De acordo com as autoras, a amnésia digital se faz presente por conta da fragilidade dos suportes e das constantes atualizações dos aparatos técnicos, como no caso dos sites da internet. Assim, o ciberespaço tende ao esquecimento.

3. Análise

A viabilidade do registro de todas as cenas vivenciadas por uma pessoa, mostrada no roteiro do episódio “Toda a sua história”, de Black Mirror, faz alusão à profusão de imagens do cotidiano que são publicadas nas redes sociais. Dada a facilidade de acesso a apa-

relhos que produzem e divulgam imagens, compartilhar conteúdos passou a ser uma forma de reafirmação dos acontecimentos vividos e da própria identidade. Sibilia (2008) destaca a constante preocupação com a atualização permanente das informações na rede, o que faz com que novos conteúdos sejam adicionados a todo momento.

Para Aumont (2004), a fotografia revolucionou a forma de representar o mundo imgeticamente, pois confere a impressão de fixar o tempo com o espaço, como se capturasse determinado momento. Contudo, é necessário considerar que, para além do papel de fornecer um testemunho da história, o uso da fotografia hoje caminha para a função do espetáculo.

Os acontecimentos e ações tornaram-se um pretexto para a imagem, conforme assinala Flusser (2014, p. 218): “A consciência fotográfica penetra em nós, e começamos a nos comportar pós-historicamente, resultando que nosso motivo não é a consequência da ação, mas o registro da ação na imagem, um espetáculo”. Dessa forma, vivenciar um momento torna-se meio e a finalidade do que se faz passa a ser o registro e o compartilhamento do que foi vivido.

O espetáculo, conforme Debord (2003), não consiste simplesmente no conjunto das imagens que são veiculadas, mas na relação social entre as pessoas, que está sendo mediada por essas imagens. Verificam-se estes aspectos do espetáculo no episódio “Toda a sua história”, de Black Mirror: as imagens às quais têm acesso passam a determinar as ações e os relacionamentos dos personagens, que ficam obcecados pelas cenas de um momento que já passou e acabam deixando de viver o presente.

Na visão do autor, o espetáculo surge justamente devido ao fato do homem moderno ser demasiado espectador. “A proliferação dos ‘pseudo-acontecimentos’ pré-fabricados deriva deste simples

fato: que os próprios homens, na realidade concreta da atual vida social, não vivem os acontecimentos” (2003, p.127). Debord critica a substituição do mundo sensível por uma seleção de imagens que parecem existir acima dele, formando um mundo-imagem à parte.

Para Katia Canton (2011, p. 20), “o tempo contemporâneo surge como um elemento que perfura o espaço, substituindo a sensação de objetivação cronológica por uma circularidade plena de instabilidade.” As relações no ambiente em que há uma suposta segurança das lembranças revelam-se instáveis, mesmo com as facilidades tecnológicas. Um desses aspectos de insegurança destacado no enredo do episódio é a falta da necessidade de lembrar de rostos de pessoas menos participativas na vida dos personagens. A capacidade de retorno ao momento em que se conheceram facilita o reconhecimento de imagens e informações suficientes para restabelecer o contato depois de algum tempo sem se ver. Contudo, de imediato não se reconhecem.

O cotidiano sofre grande interferência das tecnologias. Consequentemente, o modo de aprender também se amplia e se modifica no ambiente digital. O ciberespaço, segundo Lévy (1999, p. 111), “se constrói em sistema de sistemas, mas, por esse mesmo fato, é também o sistema do caos”. O autor imagina a essência da cibercultura como um “labirinto móvel”, que está sempre em mudança e expansão. Já Moran (2009, p. 19) percebe ramificações disso na leitura hipertextual, “como em ‘ondas’, em que uma leva à outra, acrescentando novas significações”:

O conhecimento não é fragmentado, mas interdependente, integrado, intersensorial. Conhecer significa compreender todas as dimensões da realidade, captar e expressar essa totalidade de forma cada vez mais ampla e integral. Conhecemos mais e melhor conectando, juntando, relacionando, integrando-os da forma mais rica possível. (MORAN, 2009, p. 18)

Assim, a cultura tecnológica já se apresenta no cotidiano do mundo atual, interagindo constantemente com a sociedade. Conforme Kenski (2007), o aumento na velocidade de acesso às informações, principalmente por meio da internet, resultou em novas relações na sociedade com os conhecimentos.

Outra problemática encontrada no episódio “Toda a sua história” é a dependência dos personagens ao aparato tecnológico para se lembrar de fatos passados. Quando tudo o que passa diante dos olhos fica gravado, sem a tecnologia seria impossível relembrar e manusear as memórias com clareza de detalhes. Para além disso, os personagens, por terem acesso imediato às cenas que viveram, não elaboram suas memórias. As cenas são dadas prontas, enquanto, no processo natural de rememoração, a memória é estruturada de forma seletiva, conforme aponta Pollak (1992). A organização da memória se dá em função das preocupações pessoais e políticas do momento em que é expressa e articulada. De maneira consciente ou não, a memória individual grava, recalca, exclui e relembra, sendo um resultado evidente de um trabalho de organização pelo qual não passam os personagens de *Black Mirror*.

Em uma das cenas do episódio, Liam coage violentamente o amante da esposa a apagar todas as suas cenas registradas com ela. Com a ajuda de um pequeno controle remoto, em segundos as imagens que representavam os anos em que Ffion e Jonas se relacionaram são deletadas. Novamente, é possível fazer uma associação em relação aos arquivos predominantemente digitais dos nossos dias. O receio de uma perda contínua de arquivos do passado é traduzido por Santos (2009) como “o pesadelo da amnésia coletiva”. O argumento desse conceito é que os suportes materiais da memória, como por exemplo fotografias impressas e cartas, que seriam referenciais

do passado e serviriam de vínculos de solidariedade entre gerações, estão sendo gradativamente substituídos por objetos de consumo efêmeros e descartáveis, como os são as fotos e vídeos instantâneos postados nas redes sociais ou arquivados em dispositivos móveis.

Ainda segundo a autora, a falta de referências do passado prejudicaria a capacidade das pessoas de sentir, julgar e defender seus direitos. O “mundo da amnésia coletiva” seria o mundo em que competitividade, racionalidade e imediatismo prevalecem em detrimento de sentimentos, práticas coletivas e vínculos. O episódio analisado aponta para essa potencial quebra de vínculos decorrente do uso exagerado de tecnologia: as imagens às quais Liam tem acesso falam mais alto do que o vínculo construído com Ffion. Em uma realidade em que tudo o que se faz fica gravado e pode ser revisitado, erros - tão característicos do que é humano - não são perdoados.

Por fim, no episódio “Toda a sua história” é possível identificar o modo como a tecnologia se conecta ao ser humano, ao ponto de se tornar uma característica inerente aos personagens. Desse modo, “é impossível separar o humano de seu ambiente material, assim como dos signos e das imagens por meio dos quais ele atribui sentido à vida e ao mundo” (LÉVY, 1999, p. 20). Compreender essa relação é também perceber que a busca de conhecimento e o modo de armazenar as memórias ganham novas dimensões, principalmente em um contexto em que as tecnologias apresentadas na ficção já começam a fazer parte da vida real.

Considerações finais

A série Black Mirror traz em seu episódio “Toda a sua história” um elemento subjetivo e impalpável, que é a memória. Sendo

as lembranças parte dos indivíduos, sentidas e, de diversos modos, compartilhadas, elas tornam-se componente importante para as relações humanas, para as relações entre mente e corpo e para o nosso modo de compreender o espaço.

O avanço dos aparatos tecnológicos, por meio do ciberespaço e da cibercultura, cria novas formas de percepção e armazenamento da memória. Tecnologias semelhantes às vistas em “Black Mirror” já começam a fazer parte da vida real. Os projetos da Samsung e do Google são exemplos. A partir disso, é possível refletir sobre as consequências e influências dessas novas tecnologias sobre a vida do ser humano real.

À princípio, a tecnologia apresentada em “Toda a sua história” é convidativa e instigante. Armazenar na memória tudo o que se passa diante dos olhos parece ter um aspecto positivo diante da efemeridade da vida e das lembranças na cibercultura. Entretanto, como toda tecnologia, ela possui aspectos negativos que podem gerar danos psicológicos e físicos irreversíveis. Na ficção, os efeitos da tecnologia são levados ao extremo. A incessante busca por respostas, por meio das próprias memórias e das memórias de terceiros, faz com que o personagem Liam se torne um ser angustiado, neurótico e passível de cometer crimes.

A reflexão sobre as tecnologias se faz necessária, já que uma análise mais profunda retira a aura de encantamento causada pelos filmes, livros e séries de TV. Mesmo apresentando futuros distópicos, as tecnologias fascina quando vistas na ficção. Ao trazê-las à discussão, como a proposta neste artigo, verifica-se as influências reais que as tecnologias podem causar, principalmente em relação aos campos mais subjetivos e intrínsecos do ser como a memória.

Referências bibliográficas

AUMONT, Jacques; **O olho interminável**. Tradução Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Cosac Naify. 2004.

CANTON, Kátia. **Temas da Arte Contemporânea: Tempo e Memória**. Martins Fontes, São Paulo, 2011.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. São Paulo: Projeto Periferia, 2003. Versão para eBook eBooksBrasil.com.

DOMINGUES, Diana. A vida com as interfaces da era pós-biológica: o animal e o humano. IN: DOMINGUES, Diana (Org.). **Arte e vida no século XXI: tecnologia, ciência e criatividade**. São Paulo: Editora Unesp, 2003, p.95-114.

DODEBEI, Vera; GOUVEIA, Vera. **Memória do futuro no ciberespaço : entre lembrar e esquecer**. DataGramZero - Revista de Ciência da Informação, nº. 5m=, outubro de 2008. Disponível na internet: <http://www.brapci.ufpr.br/brapci/_repositorio/2010/01/pdf_6800219dcb_0007635.pdf> ISSN: 1981-0695

FERREIRA, Maria Leticia Mazzucchi. Políticas de memória e políticas do esquecimento. **Revista Aurora** (PUCSP), São Paulo, n. 10, 2011, p. 102-118.

FLUSSER, Vilém. **Comunicologia: reflexões sobre o futuro: as conferências de Bochum**. São Paulo: Martins Fontes – selo Martins, 2014.

HALBERSTAM, Judith & LIVINGSTON, Ira. **Posthuman Bodies**. Bloomington, Indiana University Press, 1995.

HUYSEN, Andréas. **Seduzidos pela memória**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

KENSKI, Vani Moreira. Tecnologias também servem para fazer educação. In: **Educação e Tecnologias: O Novo Ritmo Da Informação**. p. 43-62. Papirus, Campinas-SP, 2007.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MORAN, José Manuel. Ensino e aprendizagens inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. In: MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.;

BEHRENS, Marilda Aparecida (Orgs.). **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas, SP: Papirus, 2009. P.11-65.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História, Revista do programa de estudos pós-graduados em História e do Departamento de História. São Paulo, n. 10, p. 1-78, dez., 1993.

PEPPERELL, Robert. **The Post-human Condition**. Oxford, Intellect, 1995.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n.10, p. 200-212, 1992.

SANTAELLA, Lucia. Pós-humano - por quê? **Revista USP**, São Paulo, n.74, p. 126-137, junho/agosto 2007.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. O pesadelo da amnésia coletiva: um estudo sobre os conceitos de memória, tradição e traços do passado. **Cadernos de Sociomuseologia**. América do Norte, n. 19, 2009.

SIBILIA, Paula. **O Homem gvvcc5ornico**. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 2002.

_____. **O show do eu**: A intimidade como espetáculo. 1ª edição. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2008.

THE entire history of you. Direção: Brian Welsh. In.: **Black Mirror** - Primeira Temporada. Channel 4, 2011. Netflix. Web. 02 de fevereiro de 2017 <<https://www.netflix.com/watch/70264856?trackId=13752289&tctx=0%2C2%2Cd7d9d1a9-f333-4559-a9a7-0c24a24b41ee-25403083>>

Data de submissão: 14/04/2016

Data de aceite: 27/04/2017

